

Suplemento do Património

Mensal | Ano 11 | N.º 79 | distribuição gratuita | Revista Municipal

A Igreja de São Vicente de Boim

Elsa Silva* e Cristiano Cardoso**

A PARÓQUIA DE BOIM: BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Fica situada num vale atravessado por um pequeno ribeiro e circundada por elevações que raramente alcançam os 250m – a nascente o monte de São Jorge e a noroeste as Arcas ou *monte de Både*, orotopónimo empregado pelo cura José Vaz de Pinho (Capela, Borralheiro e Matos, 2009:301).

A diversidade e singularidade dos topónimos desta freguesia constituem verdadeiros artefactos arqueológicos cujo estudo aprofundado, levado a cabo por vários especialistas, nos fornece dados reveladores do ancestral povoamento desta terra, especialmente para o período altomedieval.

Já o padre Francisco Peixoto tinha reflectido acerca da origem de alguns destes nomes de lugares, notando que muitos substantivos pessoais de origem romana, germânica e árabe passaram a designar os lugares onde esses homens prosperaram, cultivando, arroteando, construindo. Num processo evidente em que “o homem dá o nome à terra”, o padre Peixoto conclui: *Neste concelho de Louzada a freguesia de S. Vicente, com os nomes de seus campos e aldeias, é a que mais nos desperta a memória de homens completamente esquecidos e pulverizados*. Exemplos destes valiosos vestígios do passado são os topónimos Boim, Ausende, Merleu, Tunim, Ermeiro ou Gerovila (Peixoto, 1914:1).

Nenhuma evidência de cariz históri-



Fig. 1 – Perspectiva da fachada primitiva (séc. XVI), voltada a poente. No lado norte o corpo da Capela do Senhor dos Desamparados (c. 1758) e a segunda sacristia.

ca, arqueológica ou toponímica nos permite admitir uma localização primitiva da igreja diferente da actual.¹ Pegando, primeiramente, na questão toponímica, Boim deriva de *Goim* (Idem, *Ibidem*), tal como é ampla e esclarecedoramente demonstrado por vários filólogos (Machado, 1993:263) (Fernandes, 1999:346 e 347). A Doutora Paula Barata Dias, da Universidade de Coimbra, ajuda-nos a esclarecer a evolução fonética: *Quanto à ausência de distinção entre g e b, de facto, consoantes sonoras não se substituem entre si. Mas, no latim vulgar, o -v-, tendo-se substituído ao b, pode registar-se com g (ex: Valter; Gualter são a mesma coisa). Ou seja, a perda da distinção*

entre b e v está consolidada, é própria do Latim Vulgar, vingando no Latim tardio (a forma uoim) e, em certas regiões da latinidade tornou-se, por esta via, tendência maioritária. Uma vez alcançada a forma uoim, quem transcreve, perdeu a noção de esse uoim veio de goim ou boim, e ao pretender restaurar, mantém as duas formas fonéticas para o mesmo ponto de partida. Goim e Boim, na minha opinião, são a mesma coisa. E acrescenta, demonstrando: exemplos claros da indistinção entre b/v/g que se vai instalando no românico: basco/região basca Vasco/ Vasconia/ (Uasconia) em espanhol los vascones (habitantes do país basco, em determinados registos Gasconia

* Técnica Superior de História de Arte. RRVS.

** Técnico Superior de Ciências Históricas. CML.

¹ Em publicações recentes NUNES, SOUSA e GONÇALVES (2008:93) e MOURA (2009:113 e 114) partilham da ideia sustentada na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1960: 39, 70) da persistência de Boim e Goim como dois topónimos diferentes, admitindo daí a existência de uma localização primitiva da igreja em Goim e uma posterior em Boim. E reclamam, até, terem descoberto o *antigo topónimo Boim*, que entretanto, ainda na opinião corroborada por estes autores, foi, *sem dúvida*, substituído por *Igreja*. Sobre ainda imaginação para uma igreja nova que se *paroquializou*, sem que consigamos alcançar o sentido historiográfico desta expressão.

Gasconha Gascões (a região basca francesa e habitantes da) Este exemplo basta para confirmar a tese de boim (uoim)= goim.²

Para além de identificar a freguesia, o topónimo Boim persiste na escala micro, designando um lugar situado na vertente sul da mesma freguesia. Hoje em dia o topónimo identifica uma área quase integralmente ocupada pela Quinta e Casa de Boim, embora no século XVIII configurasse um pequeno povoado ou *aldeia* que englobava 8 *vizinhos* (Capela, Borralheiro e Matos, 2009:301). A forma *Goim* permanece muito para além do século XIV, bastando referir o *Censual da Mitra do Porto*, do ano de 1542 (1973:220 e 265), o *Catálogo dos Bispos do Porto* de 1623 (1742:265) e a *Corografia* do padre Carvalho da Costa (1706:400). O conhecimento do terreno, a reunião e a análise do corpo documental e bibliográfico disponível e o subsídio da análise fonética e toponímica, permitem-nos, com considerável segurança, afirmar que a igreja de Boim esteve sempre erguida no mesmo local, pelo menos desde a Idade Média.

Pelas Inquirições de 1258, a igreja de *Sancti Vincencii de Goym* era do padroado dos herdeiros de D. Guiomar Mendes de Sousa e do Mosteiro de Santo Tirso de Riba d'Ave, dependendo a apresentação do pároco da confirmação do Bispo do Porto. D. Guiomar Mendes de Sousa casou com João Pires da Maia e os seus descendentes mantiveram diversas propriedades em Boim, das quais se preservou muita documentação (cf. Lopes, 2004:187-198). O compadroado da igreja de Boim não terá sobrevivido à intensificação das medidas régias levadas a cabo por D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV no sentido de eliminar os abusos que decorriam do exercício dos direitos de padroado por parte de um número crescente de padroeiros (herdeiros dos fundadores).

Um dos direitos dos padroeiros consistia, precisamente, na apresentação do pároco, cujo título dependia do estatuto e dignidade da paróquia. Um documento de 1403, analisado



Fig. 2 – A capela-mor (reformada no séc. XVIII) orientada a nascente, à qual se anexa a primeira sacristia. Para o lado sul vê-se o corpo que constitui a nave da Capela do Senhor dos Desamparados.

num artigo publicado no *Jornal de Lousada* (1938:1), com base nas *Memórias do Mosteiro de S. Miguel de Bustelo* (cf. Meireles, 2007:65), refere um escambo entre o mosteiro de Bustelo e o abade da igreja de Boim, Diogo Lourenço. Sugere o autor do mesmo artigo que a paróquia de Boim teria sido abadia antes de se transformar em curato. Em 1542, o *Censual da Mitra do Porto* já refere a igreja de Boim como anexa da vigararia de Santo Tirso, facto que denuncia que já teria passado a curato.

Certo é que, no último quartel do século XVI, a igreja de Boim era filial da de Santa Maria Madalena (Santo Tirso) e que o vigário desta apresentava o cura daquela. É nesta altura que, durante um período de quase 15 anos, o curato anual de Boim é transformado em vigararia perpétua. Em 1581, o vigário de Santa Maria Madalena, com a aquiescência do vigário capitular do Porto, alcança a transformação do curato anual de Boim numa vigararia perpétua, para a qual, posteriormente, apresentou o seu tio Gaspar Lourenço. O mosteiro reage e acaba por conseguir repor a situação anterior, através de uma sentença do provisor da Sé do Porto de 7 de Março de 1606, já após a morte do padre Gaspar Lourenço (Correia, 2008:511-513).

O *Catálogo dos Bispos do Porto*, no início do século XVII, confirma Boim como curato anexo ao Mosteiro de Santo Tirso, rendendo 150 000 reis, com uma população de 175 pessoas, das quais 31 eram menores (1742:65).

O padre Carvalho da Costa designa-a ainda como *S. Vicente de Goim*, rendendo *ao cura setenta mil reis, e para os Frades duzentos mil reis*. A freguesia contava então com 58 vizinhos (1706:400). As *Memórias Paroquiais*, cerca de 50 anos depois, já adiantam uma população na ordem



Fig. 3 – Retábulo da capela-mor com as imagens pintadas de São Bento e Santa Escolástica.

² Agradecemos à Prof. Dra. Paula Barata Dias (Univ. Coimbra) a análise realizada e a permissão para usar as suas conclusões neste artigo. Ao Prof. Dr. Delfim Leão (Univ. Coimbra) agradecemos a disponibilidade e o determinante encaminhamento que deu ao nosso pedido.

das 238 pessoas, contando-se 73 vizinhos (Capela, Borralheiro e Matos, 2009:301).

IGREJA DE SÃO VICENTE DE BOIM: ANÁLISE ARQUITECTÓNICA

A Igreja Paroquial de São Vicente de Boim, tanto pelas suas características formais, assim como, pelo seu património móvel e retabular, evidencia as alterações e patenteia as memórias cristalizadas ao longo dos últimos séculos.

Através da análise exterior deste templo deparámo-nos com um jogo de volumes que cria, no seu todo, um conjunto muito interessante e invulgar. Das formas mais recuadas, que nos remetem para os padrões da arquitectura do século XVI, apenas restam alguns elementos da fachada principal. Os restantes corpos que formam a igreja já nos reportam para arquitectura dos séculos XVII e XVIII. A fachada principal, na sua globalidade, apresenta grande simplicidade formal. Constituída por portal de arcada redonda, com pronunciadas aduelas e de esquina chanfrada, sugere-nos o vocabulário da arquitectura do século XVI. É terminada por empena triangular, interrompida ao centro e rematada por uma cruz que determina o ponto central desta fachada. Nos alçados laterais, na confluência entre os dois volumes, encontramos dois vãos de iluminação estreitos, um em cada alçado lateral. O espaço da nave principal é interrompido pelos volumes que são acrescentados posteriormente, determinando uma mudança decisiva na espacialidade desta igreja. No seguimento da nave e a terminar a igreja vemos a capela-mor, também esta alvo de profunda remodelação no século XVIII, ligeiramente mais baixa do que o corpo que a antecede. É composta por dois vãos de iluminação, colocados lateralmente e rematada por empena triangular e pináculos piramidais em cada extremidade. Ao centro podemos visualizar um óculo, de pequenas dimensões, meramente ornamental, pois não lhe é conferida a sua função de iluminação.

Antes das transformações do século XVIII a igreja de Boim, seria forma-



Fig. 4 – O Retábulo da Capela do Senhor dos Desamparados (actualmente designada por capela do Santíssimo Sacramento), feito nos anos de 1765/66.

da por planta de uma só nave e capela-mor. No século XVIII, é-lhe acrescentada a capela, presentemente designada do Santíssimo Sacramento, mas originalmente dedicada ao Senhor dos Desamparados. Em 1758, o pároco de Boim, José Vaz de Pinho dava conta deste acrescento referindo-se a *hva nova capella novamente erecta, e incorporada na mes-*



Fig. 5 – O retábulo colateral, de feição Maneirista, obra provavelmente ainda da primeira metade do século XVII.

ma Igreja com arco, que se fez na parede da mesma pela devoção, e zello dos freguezes, em cuja capella, e Altar está collocado o Santíssimo Sacramento, e por cima hua venerável imagem do Senhor crucificado com a Invocação do Senhor dos Desamparados (Idem, Ibidem). Em Dezembro do mesmo ano, o padre António Camelo é sepultado na capela do Senhor dos Desamparados desta igreja para a qual deu de esmola para o mesmo Senhor quatro mil e oitocentos reis como esta determinado pelo ordinário para as suas obras (Livro de Óbitos, 1699-1780:fl. 271v). Este acrescento, já concluído em 1758, como se demonstra, transforma substancialmente a organização volumétrica da igreja. Os dois volumes, colocados lateralmente à nave principal, formam, no seu todo, um espaço de uma só nave, reaproveitando área da nave primitiva, para conferir o formato longitudinal à planta do acrescento.

O volume lateral direito, apresenta um vão de entrada de linhas rectas e a sobrepujá-lo um janelão de forma rectangular que permite a entrada de iluminação para o coro-alto. Este alçado é tratado como uma segunda fachada principal, que na nossa opinião, foi trabalhada para ser interpretada como a entrada principal da capela do Santíssimo Sacramento, que é materializada pelo altar que recebe no volume anexado ao alçado norte da nave principal da igreja. O alçado posterior deste volume é completamente liso, sendo-lhe anexado uma pequena sacristia de acesso ao espaço do altar. Um dos alçados laterais recebe um janelão de forma rectangular. A rematar este espaço podemos ver dois pináculos nas extremidades da empena triangular e ao centro uma cruz.

Outro aspecto curioso é o campanário que é introduzido também aquando das transformações ocorridas na Época Moderna.

O INTERIOR: BREVE APRECIACÃO

No interior, a igreja guarda três magníficos retábulos e estatuária de grande valor artístico.

No espaço da capela-mor, recebe um altar em madeira (Fig. 3), que nunca foi dourado, mas que provavelmente

teria esse fim. No seu todo este altar é dividido em três corpos, sendo o primeiro definido por uma mesa de altar, que acompanha a estrutura retabular. A sua decoração é bastante simplificada, sobressaindo um friso ornamentado por motivos vegetalistas e geométricos. O segundo registo do altar é definido ao centro pela figura de São Jorge, sobre um pedestal, e lateralmente por dois painéis pintados sobre madeira, onde estão representados São Bento e Santo Escolástica. Os fundadores da Ordem de São Bento estão normalmente representados nas igrejas ou mosteiros que pertenciam a esta Ordem. A delimitar as duas pinturas e a dividir a composição do corpo do retábulo, são introduzidas quatro *puttis*, com função de pilastras, que normalmente são os elementos utilizados neste contexto. O remate do altar é ornamentado por motivos vegetalistas e três cabeças aladas. No seu conjunto esta estrutura impõe uma fisionomia muito interessante.

O retábulo do Santíssimo Sacramento (Fig. 4) é uma obra já da segunda metade do século XVIII que, felizmente, está muito bem documentada. Este trabalho foi encomendado ao entalhador bracarense José Pereira Veloso a 27 de Setembro de 1765. Juntamente com o retábulo de Boim foi também encomendado o de Vila Fria, Felgueiras. Estas duas igrejas estavam unidas *in perpetuum* à Ordem Beneditina. O preço dos dois retábulos foi acertado em oitenta mil réis, quantia a pagar em



Fig. 6 e 7 – Do lado esquerdo, São Vicente conservando a pintura original (foto tirada em Abril de 2005). Do lado direito, a mesma imagem depois da intervenção sofrida.

duas prestações, no início e no fim das obras. Os trabalhos deveriam estar concluídos até ao mês de Agosto de 1766 (Brandão, 1987:224-226).

No espaço da nave, actualmente encontramos um retábulo colateral de feição maneirista (Fig. 5) que alberga a imagem de São Vicente. Esta imagem, localizada ao centro sofreu uma intervenção, há cerca de 4 anos, que alterou muito as suas feições originais. Com efeito, em trabalho de campo realizado em Abril de 2005, ainda conseguimos registar a imagem com a sua admirável pintura original, que realçava de forma inexcedível o talhe fino e erudito do seu escultor. Lamentavelmente, esta

peça foi alvo de uma intervenção absolutamente infeliz, que consistiu em sobrepor à pintura original uma desastrosa camada de gesso e uma pintura grosseira e sem recorte artístico (Fig. 6 e 7). Da imaginária merece destaque uma apreciável imagem de Santo António, de aspecto bonacheirão, que será datável do século XVII, que permanece recolhida na sacristia.

Desde já reservamos para outra oportunidade a continuação da análise desta paróquia e da sua igreja, visto ser manifestamente impossível registar neste formato uma análise arquitectónica e artística mais profunda e meditada.

Fontes e Bibliografia

- ADP. Fundo Paroquial. Paróquia de Boim. Livro de Óbitos (1699-1780). E/12/2/4-13.1. Disponível on-line em <http://pesquisa.adporto.pt/cravfrontoffice?ID=539995>.
- BRANDÃO, D. P. (D.) (1987) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto*. Porto. Vol. IV.
- CAPELA, V., MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2008) – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Memórias, História e Património. Braga. Edição de autor.
- CORREIA, F. C. (2008) - *O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588: a silhueta de uma entidade projectada no chão de uma história milenária*. Santiago de Compostela: Universidade.
- COSTA, A. C. da (1706) – *Corografia portuguesa*. Lisboa: Valentim Costa Deslandes. Tomo I. [Em Linha]. [Consult. a 4.7.2010]. Disponível em <http://purl.pt/434>.
- CUNHA, R. (D.) (1742) – *Catálogo dos Bispos do Porto*. 2.ª Impressão. Porto: Oficina Prototypa.
- LOPES, E. T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- MEIRELES, A. d'A. (Fr.) (2007) – *Memórias do Mosteiro de S. Miguel de Bustelo*. Penafiel, Museu Municipal. (Introdução, fixação do texto e índice de Fr. Geraldo Coelho Dias).
- MOURA, A. S. de (2009) – *Lousada Antiga. Das origens à Primeira República*. [s. l.], Ed. Autor. 2.ª Parte (Das Freguesias).
- NUNES, M., SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) – *Carta arqueológica do concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal.
- SANTOS, C. A. D. (1973) – *O censal da mitra do porto: subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do Concílio de Trento*. (Documentos e memórias para a história do Porto, 39). Porto: Câmara Municipal.